



Eugenio Pelletan

I

Uma noite de estio, clara, limpida e serena, sem nuvens no céu, sem vapores na terra, encostado à pobre e quasi desconjuncta banca do meu solitario albergue, em um suburbano de Lisboa, estava immerso na leitura de um livro, cuja fama descera do palacio do rico ao lugurio do pobre e correra por todas as mãos dos que sabem e querem lèr, dos que, presos fatalmente às miserias, aos desconsolos, às immensas tristezas, aos desalentos da alma nesta lucta improba da vida, aspiram a encher a vacuidéz do coração e a librar-se, pelo pensamento, às regiões subidas, donde se vê a humanidade em combate revoltado, donde se descortina um horisonte, em cujos terminos se perde o implacavel egoismo do homem.

Era já alta noite; o silencio augusto dava à terra o character grandioso de um templo, de cujas aras sacrosantas se erguia a prece universal, a prece convicta, muda; effluvio, que os sentidos não percebem; mais do que a oração do moribundo arrependido; mais do que o olhar do martyr quando no circulo romano, só via Deus, e o amor do proximo, e despresava as injurias, as risadas cynicas d'aquelles, por quem morria, e o contacto immundo e terrifico do leão, que já o estava devorando.

Essa prece indizivel, formidavel, absoluta, não

é a do Christo, que na cruz, pedia pelos que o haviam sacrificado; não é a que o crucificado rumorejava, quando inclinava a cabeça e dava a alma; essa prece é a resurreição, é a magestosa e serena ostentação da força universal; é o proprio Deus que povôa o universo, que o abrange, que o absorve, e o dirige; é a lei eterna da criação, é a transmutação, a metempsychôse das forças, que se reúnem em uma só, e se enfeixam, como os rendilhados da architectura gothica, em uma rosacea unica, cupula do edificio, derradeiro esforço, harmonia suprema, vida infinita — Deus.

Terminada a leitura, fechado o livro, contemplei as primeiras cores da alvorada, que se debuxavam no céu e tingiam o oriente; vi as estrellas apagando-se uma a uma, como se o templo cerrasse as portas, e um ostiario invisivel andasse extinguindo os candelabros, que allumiavam os altares.

Só raras estrellas scintillavam a medo na vastidão dos céos; o luzeiro perenne assomava, dos seios da noite, todo festas, alegrias, luzes e esperanças; os alvares, a principio esmorecidos, galgavam pelas nuvens, como candidos corceis pucham um carro de ouro; franjados de purpura, formando immensos renques caprichosos, iam irrompendo. Pareciam os cortinados do carro triumphal. De repente, como se invisivel mão

os afastasse, appareceu, surgio a face rubida do sol, do monarcha sempre joven, que illuminou a terra.

E os montes ergueram os visos e pincaros para cingirem a aureola luminosa; e as campinas começaram de offerlar as suas flores, que abriam as pétalas aveludadas; e os ribeiros cristallinos refrangeram a luz; e o orvalho, lagrimas de apartamento, seccou-se.

E tudo isto se arraiou de formosuras e galas; tudo renasceu para a vida, para o concerto de todas as energias, para o concerto de todas as vontades, nos infinitos cyclos da acção vital.

E eu, embevecido, absorto, sentindo não sei que emoções ignotas, vehementes, posto que doces e consoladoras, exclamei em um d'aquelles arrebatamentos que o homem, por fraco e rasteiro que seja, rouba, como Prometheu, á natureza: *Deus é o universo, o universo é Deus.*

II

Qual era pois o livro, que produzira em mim todas essas sensações, e arrancara do meu peito em um momento de enthusiasmo, aquella sentença dogmatica e fatidica do pantheismo? Qual esse livro? Intitulava-se: *Profession de foi du dix-neuvième siècle.*

O homem que o escreveu, é um d'esses soldados convictos e crentes, um d'esses apostolos vigorosos, eloquentes, cheios de paixão e virilidade, inspirados e inspiradores; é Eugenio Pelletan.

Discipulo de Fourier e Saint-Simon, de um lado; sectario de Hegel, pelo outro lado; entidade hybrida, que ora estanceia no pantheismo idealista, ora se refugia no pantheismo materialista; philosopho sem idéas caracterisadas, poeta na fórmula, mais poeta na essencia; borboleta que corre pelas idades em busca da santa lei do progresso, e não encontra um luzeiro, aonde queimar as azas; abelha industriosa, que em todos os seculos procura o nectar, com que fabricar o seu favo, e contenta-se com uma violeta alpina que o acaso lhe deparou nas luctas cruentas da humanidade; mais ambicioso de apparencias do que de realidades a ponto de subordinar estas áquellas; tal é Eugenio Pelletan, uma das pennas mais fluentes, mais castigadas, da philosophia moderna; tal é Eugenio Pelletan, o menos philosopho de todos os philosophos, e apesar disso, ou talvez por causa disso, o que mais attrae e arrasta; o que de mais proselytos se rodeia.

Ao contrario de Cassandra e de todas as sybilas antigas; alma elevada e varonil, ao mesmo passo que lamenta as desventuras dos homens, dá-lhes fé e alentos; a todos mostra um porvir immenso e immensas forças; a todos influe esforços, porque lhes revela a perfeição como grandioso termino das peregrinações da vida.

Ao misero, que se contorce nos braços da fome e da pobreza, carregado pelos fardos da vida, diz-lhe: és homem, és monada intelligente e respeitavel da humanidade; és um semi-deus, és um

obreiro do progresso; a tua obra é santa, e o teu trabalho é penhor de futuras grandesas.

Poeta da humanidade, philosopho optimista e quasi fatalista, porque vê no trabalho do homem, não um acto de vontade, não uma acção livre de um ser liberrimo e consciente, senão o resultado d'uma lei fatal e omnipotente, de uma lei que a todos obriga e lhes dirige os proprios instinctos — a lei do progresso, Pelletan é o symbolo do orgulho humano, que por melhor attestar a propria grandesa e independencia, lança ferros aos seus proprios pulsos, e querendo vindicar a dignidade do homem, torna-se escravo para lhe erguer um throno. Se outr'ora a humanidade se curvava perante um homem, hoje o homem curva-se perante a humanidade. Tal é a philosophia de Pelletan.

Ao fatalismo turvo e sombrio das civilisações antigas; aos mythos eternos e pavorosos com que a antiguidade se aprouve de representar a escravidão humana; ao Prometheu, chumbado no rochedo caucasico, e perpetuamente ferido no coração pelas garras da aguia; ao Tantalos, devorado de sede e fome e vendo diante de si os dourados pomos das Hesperidas e as cristallinas aguas do riacho; ao Sysipho, imagem eloquente, singela, grandiosa do homem; ao Sysipho, que alevantava um rochedo até o cume da montanha, para lhe cair sobre os peitos e arrastal-o na queda, e sempre, sempre, obreiro maldito e reprobos, obedecendo ao destino fatal, não cessava de luctar com a sorte; a essas tres imagens do fatalismo antigo, Eugenio Pelletan, lustrado pelo seculo, no immenso baptisterio christão, substituiu outro fatalismo, mais poetico, mais elevado, menos inconsciente. Ao fatalismo do escravo succedeu o fatalismo do semi-deus. Ao trabalho insciente de Sysipho, o trabalho productivo do homem.

Mas assim como o mytho antigo nunca pousou a pedra no pincaro da montanha, assim tambem a humanidade, posto que caminhando sempre, jámais logrará, segundo Pelletan, a derradeira conclusão da sua lida gigantea.

(Continúa)

A. OSORIO DE VASCONCELLOS.

A NOIVA DO CADAFALSO

(Episodio da guerra do Roussillon)

I

PRELIMINARES HISTORICOS

(Continuado de pag. 3)

Assim, quatorze exercitos cobriam o territorio da republica: exercito do norte contra os austriacos, inglezes e hollandezes, exercito da Moselle e exercito do Rheno contra os prussianos e austriacos, exercito dos Alpes e exercito da Italia contra os piemontezes e um destacamento austriaco, exercito de Brest e exercito da Rochella contra os vendéanos, exercito de observação de Cherburgo para conter a Normandia prestes a insurgir-se, exercito do Calvados contra os federalistas, exercito de Lyão cercando esta cidade, exercito do Sul contra os insurgentes de Marselha e

os de Toulon auxiliados pelos inglezes, pelos napolitanos, e pelos hespanhoes e portuguezes, de cuja entrada em linha resolvemos dar conta no fim, por ser o assumpto principal deste capitulo, apesar de ter sido anterior ás insurreições intestinas; exercito do Puy-de-Dôme contra os insurgentes da Lozère, exercito revolucionario para estar ás ordens da Convenção!

Era bastante para acabrunhar um povo não é assim? Pois bem! A tudo isto accrescentava-se uma calamidade ainda mais temivel. A Hespanha declarára guerra á Republica, pouco depois alliava-se Portugal com o visinho reino, e tres exercitos, um hispano-portuguez commandado pelo general Ricardos, o mais hábil de todos os generaes que dirigiram nesse anno os ataques da vasta colligação européa contra a França, o outro commandado pelo general D. Ventura Caro que devia atravessar o Bidassoa, em quanto o general Ricardos investia o Roussillon, e um terceiro exercito denominado exercito do Aragão, commandado pelo tenente-general principe de Castel-Franco, que servia para ligar entre si os dois exercitos principaes, invadiam o sudoeste da Republica.

A estes novos inimigos tiveram os francezes que oppôr mais dois exercitos importantes, o dos Pyrenéos-Occidentaes commandado por Servan, o dos Pyrenéos Orientaes, obedecendo a Desflers. Dezeseis exercitos em actividade, tal foi o espectáculo imponente que a França apresentou á Europa colligada.

Fôra no mez de março de 1793 que o principe de Coburgo compellira á retirada Dumouriez, e o derrotára em Nerwinde; fôra em março de 1793 que principiára o cercó de Moguncia, e foi igualmente em março que os exercitos hespanhoes entraram em linha de combate. Emquanto D Ventura Caro sustentava com as forças do general Servan uma guerra de escaramuças; emquanto o principe de Castel-Franco se entregava a tiroteios de montanha com alguns destacamentos francezes, Ricardos, encarregado das operações principaes, inspirado pelo seu incontestavel talento strategico, concebia uma audaz manobra.

A fronteira franceza, do lado da Catalunha, é defendida por duas linhas de fortes uma no valle do rio Tech, outra no do Tet, que lhe fica á retaguarda. Em vez de se entreter a sitiarem as praças da primeira linha, a do Tech, Ricardos tornea e mascara as praças de Bellegarde e *les Bains*, passa o rio em 15 de abril, bate os destacamentos que o general Villot, surprehendido por esta resolução, envia contra elle, desorganisa o exercito inimigo, espalha o terror nas fileiras republicanas, e pára afinal diante do Tet, como que aterrado da sua própria audacia, e receioso de ver surgir-lhe debaixo dos pés uma legião d'esses soldados, que a liberdade improvisava.

O commandante em chefe Desflers consegue reunir as suas tropas disseminadas na posição de Mas d'Eu, posição onde cobre Perpignan. No dia 19 de maio, Ricardos, como que recobrado da

sua momentanea irresolução, ataca o acampamento francez á testa de dezoito mil homens, e, apesar dos esforços do velho e valente general Dagoberth, e da chegada do general em chefe com mil e oitocentos homens de reserva, derrota completamente os republicanos, e tamanho terror infunde que a guarnição de Perpignan fecha as portas aos seus compatriotas fugitivos, julgando ver já nelles a vanguarda do fulminante Ricardos.

De novo uma hesitação se apodera do espirito deste. Pouco auxiliado pelo seu governo, que o deixava sem reserva, temendo encontrar a perda completa nalgum d'esses desesperados esforços, com que a junta da salvação publica de quando em quando respondia ás ameaças dos seus inimigos, o general hespanhol não quiz avançar mais sem fazer cair em seu poder as praças que deixára simplesmente mascaradas á retaguarda, quando emprehendeu o audacioso movimento que tão bons resultados déra. Voltou por conseguinte a fazer-lhes o cerco, e no fim de junho hasteava nas suas muralhas a bandeira hespanhola.

Entretanto desastres enormes ameaçavam a republica. Chegára o fatal dia 31 de maio, e os Girondinos expulsos da Convenção pela Montanha sublevavam as provincias. Os Vendéanos tomavam Saumur e sitiavam Nantes. O exercito do Norte perdia o acampamento de Tamars, e deixava Valenciennes bloqueada pelo inimigo. O exercito do Rheno encerrado em Moguncia, via apertar-se cada vez mais o bloqueio prussiano. A Convenção reage energicamente contra estes desastres. Os representantes do povo percorrem os departamentos sublevados apacando-os com a persuasão e com a repressão. A derrota do exercito federalista em Vernon faz entrar na ordem uma grande parte d'esses departamentos. Mas Lyão resiste, mas Toulon abre as portas aos inglezes, mas Marselha tem um exercito em campo contra o general Carteaux. Na Vendéa, Nantes resistio heroicamente aos realistas; mas na offensiva foram os republicanos mais infelizes, e viram repellidas com graves perdas as columnas dos generaes Westermann e Labarolière. Ao Norte rendia-se Valenciennes, no Oriente rendia-se Moguncia. No sudoeste Perpignan desmascarada podia d'um instante para o outro entregar a Ricardos as suas chaves e com ellas as chaves da França.

Foi então que tomou a Convenção uma resolução heroica. A patria foi declarada em perigo, e o levantamento em massa decretado. Não era um recrutamento vulgar, era o chamamento ás armas d'um povo inteiro, geração por geração, para vir defender os seus lares e a liberdade. E a França ergueu-se toda, soltando um grito de entusiasmo, e a Europa recuou fascinada por este espectáculo sublime.

Esse recrutamento colossal reclamava novos esforços da parte dos colligados. A Hespanha invocou o perigo dos thronos, as alianças de familia, e conseguiu lançar uma nova potencia na guerra contra a republica. No dia 15 de julho de 1793 um tratado assignado em Madrid por D.

Manoel Godoy, duque de Alcudia e futuro principe da Paz, e por D. Diogo de Noronha, nosso embaixador junto da corte de Hespanha, obrigou Portugal a enviar ao exercito dos Pyrenéos uma divisão auxiliar.

No dia 20 de setembro uma esquadilha, composta de tres naus, *Medusa*, *Bom Successo* e *S. Sebastião*, e d'uma fragata *Venus*, esquadilha commandada pelo chefe de divisão Pedro Mariz de Sousa Sarmiento, saio da foz do Tejo, escoltando quatorze navios de transporte onde ia embarcada a divisão expedicionaria debaixo do commando do tenente general João Forbes Skellater.

Era essa divisão de cinco mil e quatrocentos homens, e de vinte e duas bocas de fogo. Levava seis regimentos de infantaria, e oito companhias de artilheria. Eram aquelles o regimento de Peniche, o de Freire de Andrade, o de Cascaes, o 1.º e o 2.º do Porto, e o 1.º de Olivença. Estes seis regimentos formavam duas brigadas de fusileiros commandadas pelos marechaes de campo D. João Correia de Sá, e José Correia de Mello. Uma terceira brigada formada pelas doze companhias de granadeiros (cada regimento tinha duas) devia ser commandada pelo coronel Gomes Freire de Andrade.

Dois marechaes de campo D. Antonio de Noronha, e D. Francisco Xavier de Noronha iam como generaes subalternos. Era ajudante general (ou chefe de estado maior) o conde de Assumar, e quartel mestre general o coronel de engenheiros José de Moraes d'Antas Machado.

Numerosos voluntarios nobres, estrangeiros, portuguezes, e francezes emigrados acompanhavam a expedição. Foi nessa qualidade que nella tomaram parte o duque de Northumberland, o principe de Montmorency, e o marquez de Niza.

Foi triste a viagem da esquadra. Ventos ponteiros, tempestades, doenças a bordo a fizeram prolongada e fatigadora. Saides de Portugal a 20 de setembro só a 9 de novembro desembarcaram os nossos soldados em Rosas, na Catalunha, num estado miserando. Ahi estabeleceram um acampamento junto da praça á espera que o general Ricardos lhes desse destino. As intemperies da estação invernosu augmentaram as miserias da divisão expedicionaria, e essas tropas frescas chegaram ao acampamento hespanhol no dia 25 e 26 de novembro, tão fatigadas como se tivessem terminado uma guerra desastrosa. Isso não as impedió, comtudo, de mostrarem o mais brilhante valor.

(Continúa)

M. PINHEIRO CHAGAS.

A CASA GRANDE DO DESPACHO DA ALFANDEGA DE LONDRES

Logo que um barquinho de pescador chegou á praia de uma aldeota, e pensou em vender a sua cargação, pensou tambem o chefe da aldeia em apanhar uma percentagem. A idéa das alfandegas é, parece-nos, contemporanea da idéa do commercio marítimo.

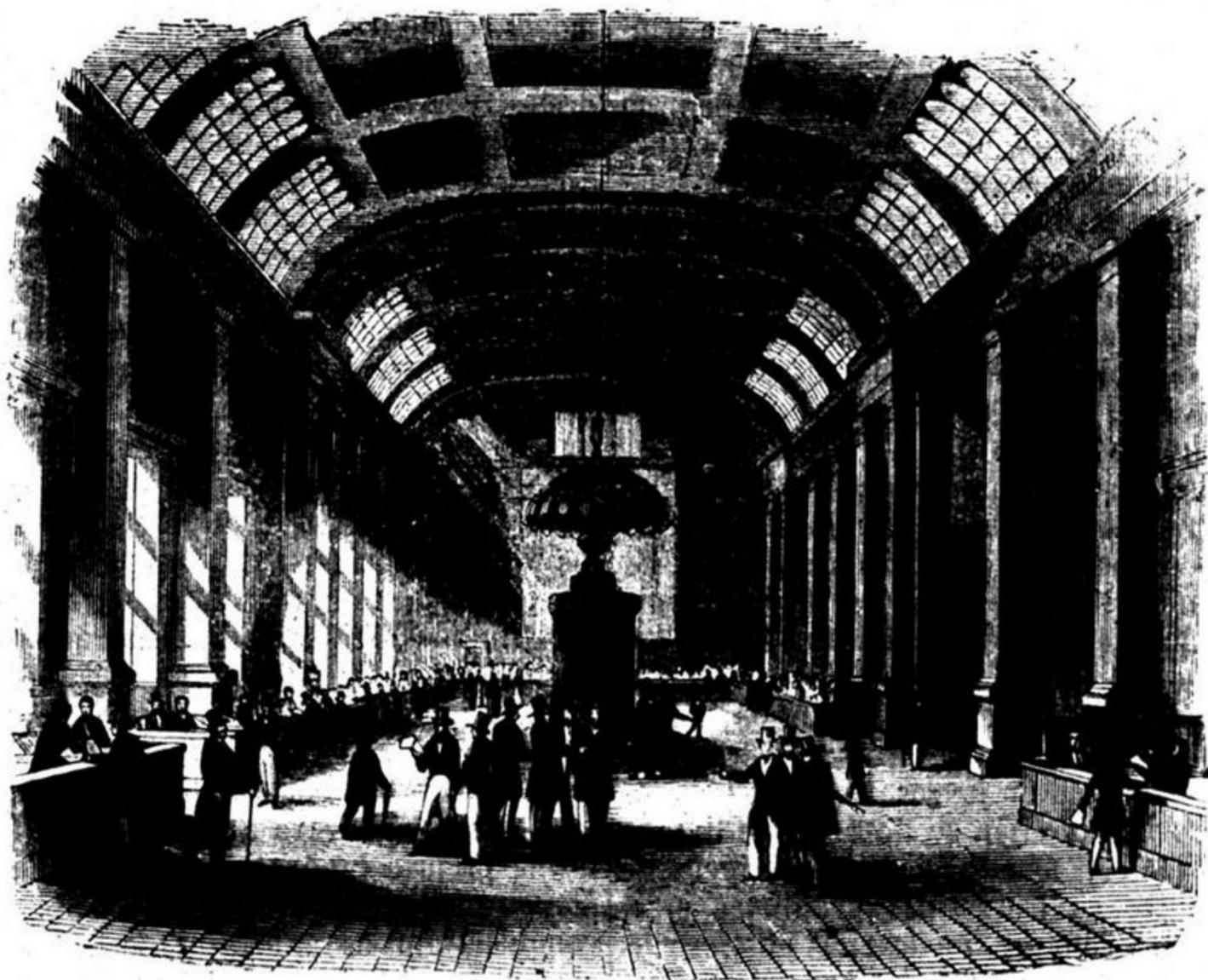
Que direitos pagaria Ulysses quando chegou com as suas embarcações á foz do Tejo? Não sabemos; porém, affiançamos que o rei Gorgoris não se esqueceu de reclamar a contribuição aduaneira, ainda que esse ponto importante fosse deixado no escuro por fr. Bernardo de Brito, Antonio de Sousa Macedo, fr. Claudio da Conceição, e outros graves historiadores que trataram com proficiencia essa materia espinhosa.

Deixando para mais profundos chronistas a historia da origem das alfandegas que tiveram talvez começo no monte Ararat, se no monte Ararat havia por acaso, o que não estamos habilitados para afirmar, quatro soldados e um cabo que assistissem á fundeação da arca de Noé, limitar-nos-hemos a dizer que ainda Londres era uma terra de pescadores (e não de gaiteiros), ainda Billingsgate era o unico ponto de desembarque, procurado pelos navios que entravam no Tamisa, quando em 1016 o rei saxonio Ethelredo II decido, em conselho de ministros, que se espremessem, para beneficio da patria em geral e de Sua Magestade em particular, os patrões dos baixes, obrigando cada bote pequeno a pagar meio penny, cada bote grande com vellas um penny, e cada navio quatro pence. O rendimento não era grande; mas mais vale pouco do que nada, opinava el-rei com assentimento unanime dos seus ministros.

Ora aconteceu, pouco depois que Guilherme o conquistador e os seus normandos tiveram a ousadia de entrar em Inglaterra sem desembolsar mealha, cousa que indignou bastante o rei Harold, então assentado no throno de Ethelredo. Foi em Hastings o ajuste de contas. Guilherme pagou a divida, capital e juro, em cutiladas tão valentes que os saxonios passaram recibo e deixaram o paiz na mão de tão exactos devedores. A vantagem que d'ahi resultou para os navios que continuaram a dirigir-se para a grande ilha foi em vez de pagarem tributo só ao rei, pagarem-no a quantos fidalgos feudatarios se haviam lembrado de erigir os seus castellos roqueiros nas fragas da beira-mar.

D'ahi resultava uma complicação, que se foi perpetuando, e que desagradou um tanto ao espirito methodico da rainha Isabel. Quando esta subio ao throno em 1559, a primeira cousa que fez foi arbitrar vinte caes de Londres para o desembarque dos generos, e prohibil-o nos outros. Os donos dos caes escolhidos foram obrigados a dar fiança, para que o governo ficasse certo de que elles não consentiriam que embarcassem ou desembarcassem generos sem ser em presença de officiaes da alfandega, e depois de terem pago os direitos exigidos pela corôa.

Rendia a alfandega por esse tempo as suas vinte mil libras, o que já era uma somma redonda que faria arregalar o olho ao pobre Ethelredo, que, provavelmente, nunca podera reunir uns miseros doze vintens com os pence arrancados aos donos dos botes, que vinham atracar a Billingsgate. Porém isso ainda pareceu pouco á rainha



A casa grande de despacho da alfandega de Londres

Isabel, que, estabelecendo a regularidade na administração, pôde no fim da sua vida ver os renditos enormes desse estabelecimento elevarem-se á somma de trinta mil libras.

Entretanto a alfandega de Lisboa, que tivera os seus tempos aureos, ia descendo á medida que a de Amsterdam se levantava. Depois esta desceu tambem; o commercio da India, que passára das nossas mãos para as dos hollandezes, ia das mãos destes passando para as dos subditos britannicos, o que em 1688, quando se formou em Londres a companhia das Indias Orientaes, elevava o rendimento da alfandega á bonita somma de quinhentas e cincoenta mil libras.

Mas por este tempo ardeu o edificio. Reconstruiu-se logo. Podéra. Já nos fins do seculo XVII não gostavam os inglezes de estar dois annos embasbacados diante dos edificios que o incendio lhes devorava. A nova alfandega era mais espaçosa do que a primeira; os rendimentos tambem se tinham alargado. Em 1714 rendia um milhão trezentas e cincoenta mil libras. Apenas duplicára no espaço de vinte e seis annos. E' verdade que nesse intervallo lord Methwen, embaixador da Grã-Bretanha em Lisboa, concluiu com o sr. D. Pedro II um tratado, para obter o qual os inglezes consentiriam de bom grado em perder tres alfandegas. A de Lisboa não consta que ardesse. Em compensação tinham o juizo a arder o rei e os ministros.

Em 1718 ardeu outra vez a alfandega. Os in-

glezes não se affligiram com isso. Fizeram outra ainda mais espaçosa. No fim do seculo XVIII rendia esse estabelecimento seis milhões de libras.

Em 1814 terceiro incendio. As chammas teimavam sem saberem que os inglezes eram mais teimosos do que ellas. Tres annos depois, em 1817, estava construida uma quarta alfandega, edificio magnifico e sumptuoso, cuja casa de despacho é representada na nossa gravura.

Tem esta sala 196 pés de comprimento, 66 de largura e 40 de altura. Espalham nella um suave calor tres fogões enormes de tubos. O lume está em baixo, para prevenir novos desastres, num pavimento de abobada á prova do fogo.

É singela a fachada do edificio que defronta com o Tamisa; mas a que olha para a cidade tem um aspecto monumental. Ornam-na figuras allegoricas, e baixos relevos que representam a Grã-Bretanha negociando com todos os paizes do globo. A construcção desta alfandega custou meio milhão de libras esterlinas.

Que diria o pobre Ethelredo II se resuscitasse agora!

PINHEIRO CHAGAS,

A NOVA EDIÇÃO DOS CLASSICOS PORTUGUEZES

II

A Chronica da Companhia de Jesus nos Estados do Brazil de Simão de Vasconcellos

Teem muitas vezes um valor equivoco os livros de historia que os nossos antepassados nos trans-

mittiram. Desprovidos bastantes vezes do espirito investigador, cegos quasi sempre pelo fanatismo, os nossos chronistas gastavam tinta, papel, e tempo em accumularem noticias, que o futuro lhes dispensaria, e em tornearem, lavrarem e polirem periodos formosissimos donde se não pôde colher fructo que aproveite. Milagres sobre milagres, fabulosas origens, estupendas particularidades genealogicas, eis tudo quanto muitas vezes se pôde extrahir d'esses pesados in-folio, em que os frades mais sapientes das diversas ordens gastaram as suas horas de ocio, com grandissima ufania das congregações, que os consideravam gloria do mosteiro e admiração do orbe.

Tem porém um valor muito notavel, e uma importancia muito differente da turgida e inutil pedantaria das chronicas monasticas a *Chronica da Companhia de Jesus*, que o editor o sr. Antonio José Fernandes Lopes agora publicou. Não é assumpto d'ella a fundação mystica d'um convento, a narração dos milagres que o illustraram, a biographia thaumaturgica dos varões illustres que das suas cellas pregaram logros a Satanaz e maravilharam as bestas. Não se destina este livro a apurar genealogias, nem a descobrir origens de povos por entre as trevas das primitivas eras, misturando para isso do modo mais abstruso as tradições biblicas com as fabulas homericas, Noé com o Deus Baccho, Tubal com Hercules. Não! o seu assumpto é grande por si só, grande sem precisar do auxilio de mentirosos prodigios, e tão grande que resguarda o escriptor que o trata das tentações da phantasia, e o obriga a cingir-se a maior parte das vezes á verdade historica, como se temesse profanar os epicos feitos dos homens cuja fama transmite á posteridade, entremeiando-os com fabulas ridiculas.

Trata a *Chronica da Companhia de Jesus nos Estados do Brazil* das missões em que os discipulos de Ignacio de Loyola, tentando converter á fé catholica os selvagens de Santa Cruz, os protegeram tambem contra as crueldades dos portuguezes, e desempenharam na America do Sul o papel grandioso que na America do Norte, nas terras descobertas, conquistadas e devastadas pelos hespanhoes deu a immortalidade da gloria e as bênçãos dos vindouros-ao veneravel Bartholomeu de las Casas.

A historia destes missionarios jesuitas está tão intimamente ligada á historia da colonisação e conquista do Brazil, que não é possivel separal-as. Obrigados a domar pela persuasão e pela astucia a indole selvagem e violenta dos Indios, os padres tiveram que fazer um estudo profundissimo do character, dos costumes, das tradições, da historia dessas tribus que vagueavam pelas maravilhosas florestas do Novo Mundo. A sua lingua rude aprenderam-na com tanto affinco e amor como estudariam na Europa o suave e harmonioso idioma do Lacio. A sua mythologia grosseira analysaram-na com um fervor theologico maior talvez do que os Busembaum e Larragas consagraram ao estudo das subtilesas da graça, e do

symbolismo christão. Aspilcueta Navarro sabia, melhor do que os feiticeiros upinambás e tamoyos, como devia aproveitar as superstições das tribus; José de Anchieta, Jo S. Francisco Xavier destas regiões, reduzia a regras a sua linguagem, e compunha uma grammatica para seu estudo. Todos, levados pelo ardor da propaganda, iniciavam no seculo XVI, em plena Renascença, em pleno enthusiasmo exclusivo pelos primores da antiguidade, o estudo destas linguas plebeas e despresadas, que depois os ethnographos contemporaneos deviam estudar e profundar, atraídos pelo amor desinteressado da sciencia. É é isso o que dá um character especial a esta chronica no meio de tantas que saíram por essa epoca dos claustros monacaes. É o estudo solido dos factos em vez do phantasiar de origens fabulosas e milagres risiveis. É a noticia seria e importante substituindo a frivolidade disfarçada pelo esplendor gongorico da phrase.

O padre Simão de Vasconcellos escrevia em pleno seculo XVII, quando o culteranismo dominava infrene em Portugal e Hespanha, quando o marinismo ennodoava a litteratura italiana, quando na propria França, na terra de Rabelais e de Molière, as extravagancias do hotel Rambouillet conquistavam os applausos de toda a sociedade elegante, e comtudo a phrase de Simão de Vasconcellos não se enreda, nem se perde no labyrintho gongorico, sem deixar por isso de ser brilhante. Escrevia Simão de Vasconcellos no tempo em que Antonio Vieira, com a auctoridade do seu nome recommendava á admiração de todo o publico a *Historia de S. Domingos* de Fr. Luiz de Sousa, acervo de milagres opulentado pelas flores d'um estylo admiravel, e comtudo Simão de Vasconcellos é sobrio, mais do que todos os seus contemporaneos, de prodigios e visões. Simão de Vasconcellos escrevia, emfim, no tempo em que Fr. Bernardo de Brito queria por força prender a origem de Portugal d'um lado ao cerco de Troya, do outro lado á arca de Noé, dupla corrente profana e sagrada, com a qual devia ficar solidamente ancorado este navio da Lusitania no Oceano das idades; escrevia no tempo em que Antonio de Sousa Macedo, obedecendo igualmente a essa dupla attracção, queria que Homero tivesse vindo desembarcar no Algarve, e que a Ophyr de Salomão estivesse collocada proximo de Braga; e comtudo Simão de Vasconcellos, se procura persuadir aos leitores ou se elle mesmo se persuade de que o mythico Sumé dos Indios vem a ser o apostolo S. Thomé, na maior parte das vezes não faz senão conjecturas, apoiadas em motivos serios, conjecturas que a sciencia vem depois confirmar.

É porque a Companhia de Jesus do Brazil foi verdadeiramente illustrada; é porque tendo que iniciar na civilisação as populações virgens do Novo Mundo, e não que desvairar e torcer para o caminho que lhe conviesse o espirito de populações avelhentadas que anciava por seguir outro rumo onde encontrassem o rejuvenescimento, não fez senão seguir largamente a estrada direita, pro-

curar francamente a luz, e não empanal-a e entenebrecel-a.

A *Chronica* de Simão de Vasconcellos é pois um dos melhores livros de historia que as ordens monasticas nos transmittiram, livro para se consultar quando se quizerem conhecer os primitivos tempos das nossas colonias americanas, os costumes, a indole e as tradições das tribus selvagens. Ao invéz do que nesse tempo succedia, a chronica não se limita a narrar os factos, mas entra nas particularidades que nós actualmente procuramos com avidéz, e que habitualmente só encontramos nos documentos, nos cartorios, e raramente nos livros. Debaxo deste ponto de vista é uma verdadeira mina o livro de Simão de Vasconcellos, mina para historiadores, e mina para romancistas. E eu confesso que nelle encontrei os materiaes mais opulentos para a composição d'esse pobre romance que por ahi corre com o titulo de *Virgem Guaraciaba*. Outro virá depois de mim que melhor os aproveite. A mim basta-me a gloria de ter lustrado ainda que timidamente, essa nova senda, e de ter mostrado o caminho a outros que serão, em vez de pobres romeiros como eu, peregrinos triumphaes.

PINHEIRO CHAGAS.

O TUMULO DE ENGELBERTO

Vid. V. 1 pag. 396

Entre os diversos povos da Asia occidental, além dos tumulos a que alludimos, encontra-se um grande numero de sepulchros feitos nos flancos das montanhas. Os mais importantes são os da Palestina e da Persia: estes tumulos abertos na rocha são quasi sempre sepulturas reaes. Ao norte de Jerusalem vêem-se tumulos deste genero que, segundo a tradição, seriam sepulchros dos juizes Samsão, Gedeão etc. A pouca distancia encontram-se outros tumulos semelhantes que são chamados *sepulchros dos reis*. Todavia, estes tumulos não pertencem aos antigos reis de Judá: são, como affirmam alguns archeologos, os de Herodes e seus successores. O systema de construcção pouco differe do dos egypcios. Os simples particulares eram algumas vezes enterrados em cavernas ou naturaes ou abertas na rocha. Os Judeus, quando faziam as suas sepulturas em pleno campo, collocavam os esquifes em uma cova profunda, e tapavam-na com uma pedra sobre a qual deitavam uma porção de cal, para que se avistassem ao longe; e todos os annos, a 15 do mez Ador, a branqueavam. Foi isto que fez que Christo comparasse os hupocrytas Phariseus, que cobriam os seus vicios com um bello exterior, com os sepulchros branqueados.

Os antigos Persas não enterravam nem queimavam os mortos; como os Guebros actuaes, expunham-nos aos carnivoros. Os reis não estavam sujeitos a esta lei; mas, afim de não profanarem a terra e o fogo, depunham-nos em sepulchros de pedra. A dez kilometros de Tchil-Minar, que se julga ser os restos da antiga cidadela de Persepolis, eleva-se uma collina que offerece na face oriental o frontispicio de quatro sepulturas, abertas

na rocha, e que pelas inscrições parece serem as de Artaxerxes Longimano, Dario Notho, Artaxerxes Mnémon e Ocho. Mas os outros povos da Asia occidental, com especialidade os da Asia Menor e da Syria, além dos sepulchros abertos na rocha, elevavam frequentemente tumulos gigantescos e magnificos; taes como o que o rei Cresos mandou construir para Alyatte, pae de Sardo.

Na India e na Asia Oriental quasi todos os monumentos da antiguidade teem sido destruidos pelos conquistadores avidos e barbaros. Além d'isso, entre os que passam por mais antigos é quasi sempre impossivel determinar a data da sua construcção. No numero dos monumentos funebres mais antigos que se encontram na India, mencionaremos os chamados *Stupa* ou *Topos*. São construcções de alvenaria, de fórma cylindrica, mais ou menos elevada, e terminando em espheroides. Todos estes topos estão collocados sobre uma collina ou sobre um monte facticio, e geralmente rodeados de um muro formando um quadrilatero. So em Pundjab e Cabul teem sido encontrados estes monumentos, que os habitantes designam pelos nomes de *bordj*, torre, e de *minar*, pilar. Ceylão possui monumentos que offerecem a maior analogia com os topos, e que se chamam *Dagobas*. Os mais simples, que se julga serem os mais antigos, consistem em um monticulo de terra de forma conica, rodeado de arvores. Os outros são tambem formados de terra, mas rodeados de um muro. Entre os povos da Asia Oriental, os Chinezes, os Japonezes, etc., as sepulturas nada offerecem de notavel. Os pobres contentam-se com o elevar sobre o lugar onde foi enterrado o defunto uma pequena pyramide de terra. Para os grandes personagens, ordinariamente, elevam-se edificios representando uma torre.

Entre os Gregos, nos primeiros tempos, as sepulturas foram simples tumulos de terra ou de pedra. Em certas localidades, collocavam tambem os mortos em casas abertas na rocha, ou em lugares que transformavam em necropulos. Mais tarde, porém, as sepulturas mostraram as mais variadas fórmas; e chegaram a ser monumentos ricos de architectura e esculptura.

Na Italia meridional, os tumulos eram construidos de pedra. O morto era ali depositado, com os pés voltados para a entrada, e ao lado delle collocavam vasos pintados, de fórmas e tamanhos diversos. Na Italia central, especialmente entre os Etruscos, as sepulturas consistiam, ora em casas subterraneas, sobre as quaes collocavam pyramides, e outras construcções, ora em buracos praticados na rocha, sobre os flancos das montanhas. A fórma das camaras funereas subterraneas variava singularmente. Nas sepulturas etruscas as paredes das camaras sepulchraes são muitas vezes ornadas de pinturas e esculpturas. Segundo os tempos e os lugares, os cadaveres eram postos sobre o solo, ou deitados vestidos em leitos funebres, ou mettidos em sarcophagos. Em alguns sitios, o cadaver era reduzido a cinzas, e estas depositadas em urnas cinerarias. Emfim em todas

se encontram armas, vasos, joias, utensilios e uma multidão de outros objectos. Quanto às sepulturas e às construcções dos Etruscos, as suas dimensões eram ás vezes consideraveis. A sepultura de Porsenna consistia em um envasamento construido de boa pedra, que tinha, pouco mais ou menos, 16 metros de altura e 490 de lado. O interior desta construcção encerra um labyrintho formado de uma multidão de corredores e de quartos, afim de se não poder saber qual era a camera sepulchral do rei. Emfim, sobre este envasamento elevavam-se tres terrados contendo o superior cinco grandes pyramides de base redonda. Esta construcção gigantesca, como se vê, offerencia a maior analogia com o tumulo d'Alyatte, rei da Lydia, de que já fallámos.

Os Romanos distinguiam tres especies de tumulos que chamavam *sepulcrum*, *monumentum*, e *cenotaphium*. O sepulchro era o lugar que continha o despojo do morto, e o monumento um edificio elevado para transmittir á posteridade a memoria do defunto. Assim, o mesmo individuo podia ter muitos monumentos, e em diversos lugares; mas não podia ter mais que uma sepultura. Quanto ao cenotaphio, que se chamava tambem *tumulus honorarius* ou *manis*, era, como o indica o nome, um monumento consagrado á memoria de uma pessoa, cujos restos se não poderam encontrar. Geralmente, os Romanos elevavam os seus tumulos ao longo dos caminhos, e os, em pequeno numero, que se viam separados, pertenciam a familias ricas, que não queriam que os restos dos seus parentes saíssem das suas propriedades. A forma destes era muito variada. — Parece que, na sua origem, os Romanos depositavam o morto em uma cova, sobre a qual punham um tumulo, segundo o modo etrusco. Depois imitaram as sepulturas gregas, e sob o imperio, Roma vio elevar-se em seu seio tumulos, que, por suas dimensões e magnificencia, rivalisavam com os mais celebres mausoléos dos reis da Asia. Citaremos o mausoléo que o imperador augusto mandou construir para si, o qual os Godos converteram em uma fortaleza, e Urbano VIII transformou em cidadela regular, dando-lhe o nome de castello de S. Angelo. Além das sepulturas individuaes, havia tambem na antiga Roma sepulchros collectivos, que os grandes personagens mandavam construir para os seus escravos e libertos, e os quaes eram denominados *conditoria* e outras vezes *hypogea*, por causa da sua situação subterranea. Consistiam geralmente em uma sala mais ou menos vasta, nas paredes da qual havia varios nichos destinados a receberem as urnas funerarias. As sepulturas importantes eram quasi sempre precedidas de um espaço descoberto, chamado *sepulcretum*, que lhes servia de vestibulo e onde queimavam os corpos. — Os tumulos eram consagrados aos manes: assim o indicava a abreviatura D. M. S. (*Diis manibus sacrum*) ou simplesmente D. M., collocada por cima do epitaphio. Quando o edificio não encerrava os restos do morto, substituiam esta formula pela palavra *Memoriæ* (*A memoria.*) Depois seguiam-

se os nomes, appellidos e os titulos dos defuntos. Os Romanos, geralmente, mandavam em vida construir a sua ultima morada: mostram-no as iniciaes V. F. (*Vivus fecit*) V. S. P. (*Vivus sibi possuit*), etc. As iniciaes S. T. T. L. (*Siti tibi terra levis*) a terra seja leve, exprimia um voto para a felicidade futura da sombra do defunto. Os Romanos cessaram de queimar os mortos no terceiro seculo da nossa era; mas este uso só se tornou geral no seguinte seculo.

Os tumulos modernos dividem-se em apparentes e não apparentes. Os segundos compõem-se de um simples ataude enterrado no solo e despido de ornamentos. Na idade media os ataudes dos grandes personagens consistiam apenas em uma pedra excavada na qual depositavam o corpo, tapando-a com outra pedra. Os tumulos apparentes são destinados, como o seu nome o indica, a estarem expostos aos olhares do publico. Teem sido sempre construidos para personagens importantes; mas só foi no seculo XV que começaram a mostrar todos os recursos da arte. A maior parte dos que se construíram por esta occasião existem ainda: são pequenos monumentos de riqueza extrema, e onde o genio da esculptura se revela grande e caprichoso: tal é o tumulo de Engelberto na cathedral de Breda. D'aqui em diante a architectura dos monumentos funéreos tem dependido sempre do capricho do artista encarregado de executal-os; imitando-se, comtudo, muito os tumulos gregos e romanos. Os dois cemiterios de Lisboa, Prazeres e Alto de S. João, encerram um grande numero de tumulos admiraveis, d'entre os quaes o melhor que se conhece é o da familia Palmella, no primeiro.

Duas palavras agora ácerca do monumento cuja copia demos em o n.º 50 do 1.º vol. O tumulo de Engelberto, conde de Nassau, ministro e conselheiro de Carlos o Temerario, existe na antiga cathedral de Nossa Senhora em Breda, hoje pertencente ao culto protestante. É obra do seculo XV e deve-se ao inspirado cinzel do grande Miguel Angelo. É todo de riquissima pedra; as effigies do conde e sua esposa são de alabastro; e as figuras que sustentam o capitel sobre o qual está a armadura do conde, representam heroes da historia, Julio Cesar, Régulo, etc.

Engelberto foi governador de Brabante, e morreu, sem filhos, em 1504.

O CÃO E O PERÚ

Conto livonio

Um cão roubou um Perú e fugia com a sua presa. Ao atravessar um regato, por cima d'uma taboa, que servia de ponte, vê na agua a imagem do seu Perú.

— Ali está um, diz elle consigo, maior do que o meu. Que bello bocado!

Inclina-se para o agarrar; mas ao abrir a boca, infelizmente, cae-lhe o que levava, e lá vae arrastado pela corrente, com grande confusão do nosso invejoso, que se vio ao mesmo tempo privado da realidade e da apparencia.